

RUY FABIANO

Ponto de Vista

Eminência parda

O governador Antônio Carlos Magalhães preocupa-se com a intensíssima notoriedade que recentemente ganhou no espaço político nacional. Hoje, não se discute: é ele a mais influente liderança política dentro do Governo Federal. Até mesmo o superpoderoso ministro Marcílio Marques Moreira, cortejado por todos os seus pares e sempre distinguido pelo presidente Collor, faz-lhe mesuras especiais. Há dias, por exemplo, ao ser informado de que ACM criticara sua política, Marcílio telefonou-lhe de Tóquio para saber o que o desagradava. Ninguém hoje, dentro do Governo, sente-se seguro — nem mesmo Marcílio — tendo na contramão o governador da Bahia.

No passado, dava-se a esses líderes que detinham poderes superiores ao próprio cargo o título imponente de “eminência parda”. É disso que se trata. Por que então o receio de ACM? Simples: preocupam-no os múltiplos efeitos colaterais da excessiva exposição pública de seus superpoderes. O primeiro deles: o ciúme que provoca entre lideranças afins e o ódio entre adversários. Pior: o incômodo que passa a representar para o comando do Presidente da República. No discurso de anteontem ao novo ministério, Collor, mais de uma vez, fez questão de reafirmar sua autoridade pessoal. E isso foi interpretado como um alerta a quem quer que imagine que manipulará de fora o poder.

ACM, por exemplo. Todos lembram-se de seu nome quando se fala em poder paralelo. Diante disso, o governador baiano — que, de fato, detém espaços consideráveis de influência nos

principais ministérios — está decidido a manter-se recolhido por algum tempo. Isso, óbvio, não quer dizer que sairá de circulação ou que recolherá suas armas. Muito pelo contrário. Apenas que se exporá menos; de preferência, ficará mudo. Candidato à presidência, ACM continuará incansável em busca da consolidação de sua base política. O Congresso é apenas uma das instâncias onde atua. Mas não é a única. Dispõe de forte cobertura na mídia — onde se beneficia de sua estreita amizade com o dono do Sistema Globo, Roberto Marinho — e de amplas alianças na máquina administrativa federal.

Não lhe convém identificar-se tão a fundo com o novo ministério. Se ele fracassar, desgastam-se por tabela sua liderança e candidatura. O ideal é continuar influenciando de maneira mais discreta, quase invisível, sendo respeitado menos pelos benefícios que possa trazer e mais pelo mal que possa evitar. Exatamente como manda Maquiavel.

Fiuza — A quem interessar possa, ACM aposta na permanência de Ricardo Fiuza no Governo, com jet-sky e tudo. A um interlocutor que há dias lhe perguntou sobre quem fica e quem sai, disse apenas: “Não é o Fiuza quem vai sair”. Mas não disse quem é que vai, embora lhe fosse perguntado.

Sarney — Do alto de sua experiência de ex-presidente, o senador Sarney emitiu um único comentário sobre a recente inquietação militar em torno de salários: é preciso resolvê-la já. Do contrário, simplesmente não se consegue governar. Collor, ao que parece, não teve dificuldades em aceitar o conselho.